

ENTRE O REFLEXO ESTÉTICO, A ESSÊNCIA E A APARÊNCIA DA TEORIA DO MEDALHÃO

Ingrid Karina Morales Pinilla-UnB¹

Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo a sua livre vontade; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado. A tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos vivos.

Karl Marx, O 18 de Brumário de Louis Bonaparte

RESUMO

A “Teoria do medalhão”, um dos contos mais importantes de Machado de Assis, apresenta aspectos caricaturais dos conselhos de um pai para o filho que acaba de fazer vinte e um anos (a maioria à época). O anseio do patriarca é que seu filho se torne um notável “medalhão” na sociedade. Com efeito, as detalhadas instruções dadas pelo genitor são uma resolução machadiana para representar uma realidade social, que continua sendo atual, e colocar em xeque a ideologia burguesa. Nesse contexto, analisamos o Reflexo Estético e a dualidade essência x aparência, a partir da perspectiva do materialismo dialético de Karl Marx, que tem como elemento central a realidade na sua totalidade. Para tanto recorreremos aos estudos de Georg Lukács sobre a estrutura do estético na dialética marxista.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; medalhão; reflexo estético; materialismo dialético; marxismo.

RESUMEN

La “Teoria do medalhão”, uno de los cuentos más importantes de Machado de Assis, presenta aspectos caricaturescos de los consejos de un padre a su hijo que acaba de cumplir veintiún años (la mayoría de edad en la época). El deseo del patriarca es que su hijo se vuelva un notable “medalhão” en la sociedad. En efecto, las detalladas instrucciones dadas por el progenitor son una resolución machadiana para representar una realidad social, que continúa siendo actual, y colocar en jaque a la ideología burguesa. En ese contexto, analizamos el Reflexo Estético y la dualidad esencia vs apariencia, a partir de la perspectiva del materialismo dialético de Karl Marx, que tiene como elemento central la realidad en su totalidad. Para eso recorreremos a los estudios de Georg Lukács sobre la estructura de lo estético en la dialética marxista.

PALABRAS CLAVE: Machado de Assis; medalhão; reflejo estético; materialismo dialético; marxismo.

¹ Doutoranda em Literatura na Universidade de Brasília-UNB. Professora de língua espanhola da rede pública estadual do Amazonas.

Analisaremos o realismo no conto de Machado de Assis “Teoria do Medalhão” a partir da perspectiva estética marxista, do materialismo dialético, que tem como elemento central a realidade na sua totalidade. Tal dialética, de acordo com Georg Lukács (2010a), atravessa toda a realidade, revitalizando aparência e essência num processo infinito, no qual: “aquilo que era uma essência que se contrapunha ao fenômeno aparece, quando nos aprofundamos e superamos a superfície da experiência imediata, como fenômeno ligado a uma outra e diversa essência (...) E assim até o infinito” (LUKÁCS, 2010a, p. 26).

Esse processo é necessário, segundo Lukács, devido aos diversos graus da realidade: “a realidade fugaz e epidérmica, que nunca se repete, a realidade do instante que passa, e existem elementos e tendências de uma realidade mais profunda, que ocorrem segundo determinadas leis, ainda que estas se transformem com a mudança das circunstâncias” (LUKÁCS, 2010a, p. 26). Por isso a essência da realidade, aparentemente visível, muitas vezes diverge daquilo que aparenta.

A realidade existe independentemente da consciência do homem. Entretanto, toda tomada de consciência do mundo exterior é um reflexo da realidade, como exposto por Lukács:

Uma tese fundamental do materialismo dialético sustenta que qualquer tomada de consciência do mundo exterior não é mais do que o reflexo da realidade, que existe independentemente da consciência, nas ideias, representações, sensações etc. dos homens (LUKÁCS, 2010a, pag. 23).

Desde esse ponto de vista, a arte como representação, interpretação, tomada de consciência e conhecimento, reflete a realidade. Assim sendo, a criação artística é um reflexo estético, pois a arte capta a realidade e serve para fazer mais lúcida a própria vida dos seres humanos.

Bem por isso, Lukács aponta que a verdadeira arte deve representar a vida humana de forma total e dinâmica, assim:

A verdadeira arte visa ao maior aprofundamento e à máxima abrangência na captação da vida em sua totalidade onicompreensiva. A verdadeira arte, portanto, sempre se aprofunda na busca daqueles momentos mais essenciais que se acham ocultos sob a superfície dos fenômenos, mas não representa esses momentos essenciais de maneira abstrata, ou seja, suprimindo os fenômenos ou contrapondo-os à essência; ao contrário, ela apreende exatamente aquele processo dialético vital pelo qual a essência se transforma em fenômeno, se revela no fenômeno, mas figurando ao mesmo tempo o momento no qual o fenômeno manifesta, na sua mobilidade, a sua própria essência. Por outro lado, esses momentos singulares não só contêm neles mesmos um movimento dialético, que os leva a se superarem continuamente, mas se acham em relação uns aos outros numa permanente ação e reação mútua, constituindo momentos de um processo que se reproduz sem interrupção. A verdadeira arte, portanto, fornece sempre um quadro de conjunto da vida humana, representando-a no seu movimento, na sua evolução e desenvolvimento (LUKÁCS, 2010a, pag. 26).

Desse modo, a verdadeira arte deve se tornar sensível a essência e deve levar em conta a unidade entre essência e aparência. Além do mais, deve captar a singularidade da vida, ou seja, refletir a realidade com fidelidade.

Mas, o que é essa realidade que a arte deve refletir com fidelidade? Para Lukács:

Aqui, importa acima de tudo o caráter negativo da resposta: essa realidade não é somente a superfície imediatamente percebida do mundo exterior, não é a soma dos fenômenos eventuais, casuais e momentâneos. Ao mesmo tempo que coloca o realismo no centro da teoria da arte, a estética marxista combate firmemente qualquer espécie de naturalismo, qualquer tendência à mera reprodução fotográfica da superfície imediatamente perceptível do mundo exterior (LUKÁCS, 2010a, pag. 24, 25).

Por conseguinte, a criação artística realista precisa captar tanto a aparência como a essência, de modo que o reflexo estético não seja deformado e que o ser humano e a ação humana sejam centrais.

Com base nisso, passamos a analisar o conto “Teoria do Medalhão”, cuja forma estética alcança a inteligibilidade da realidade em defesa da realidade efetiva, como apontado por Ana Laura Côrrea, pois “tanto desmascara o caráter deformador da visão de mundo da decadência, quanto possibilita uma mirada crítica nova sobre a realidade, fundada na ironia” (CORRÊA, 2015, p. 46).

O conto Machadiano anuncia no subtítulo que se trata de “um diálogo”. Uma conversa entre pai e filho, após o jantar comemorativo de vinte e um anos do sucessor. A cena é montada com uma descrição mínima do cenário e sem narrador, deixando, assim, com maior liberdade aos personagens:

— Estás com sono?
— Não, senhor.
— Nem eu; conversemos um pouco. Abre a janela. Que horas são?
— Onze.
— Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1954, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros (ASSIS, 2005, p.31).

O diálogo anunciado se aproxima mais a um monólogo do pai. Visto que a interação dos personagens é desigual, pois o filho se limita a responder brevemente e fazer perguntas curtas. Enquanto o discurso do progenitor é copioso.

Embora comece a conversa com um ar de solenidade, o pai trata o filho, que chegou a maioridade, como uma criança, usando os adjetivos “janjão”, “peralta”, “meu rapaz”. Do mesmo modo, o interlocutor usa uma linguagem carinhosa e infantil chamando-o de “papai”.

O patriarca, representando aquele que merece respeito, obediência e acatamento, apresenta um leque de possíveis ofícios para o filho incluindo advogado, juiz, latifundiário e artista. Exalta a infinidade de possibilidades com a afirmação: “Há infinitas carreiras diante de ti”. E seja qual for a escolha, ressalta que seu desejo é que se faça “grande e ilustre ou pelo menos notável” (ASSIS, 2005, p.32). Também, o aconselha a ter outra ocupação diante da possibilidade de que seu ofício não satisfaça sua ambição:

— Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade (ASSIS, 2005, p.32).

Na continuação, o pai incentiva o filho se tornar um Medalhão. Nesta cena se mostra toda a circunstância narrativa de forma objetiva:

— Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. És moço, tens naturalmente o ardor, a exuberância, os improvisos da idade; não os rejeites, mas modera-os de modo que aos quarenta e cinco anos possas entrar francamente no regime do aprumo e do compasso. O sábio que disse: “a gravidade é um mistério do corpo”, definiu a compostura do medalhão. Não confundas essa gravidade com aquela outra que, embora resida no aspecto, é um puro reflexo ou emanção do espírito; essa é do corpo, tão-somente do corpo, um sinal da natureza ou um jeito da vida. Quanto à idade de quarenta e cinco anos (ASSIS, 2005, p.32).

O pai tenta convencer o filho de que sua melhor escolha é desejar ser um medalhão e se preparar para na idade de quarenta e cinco anos atingir este objetivo. Com esse conselho está procurando reduzir as perspectivas futuras do seu sucessor. Conseqüentemente, essa subjetividade evidencia a determinação objetiva da decadência ideológica burguesa. Sendo que sem opções para o futuro, o novo é impossível, e deve viver conformado. Esse discurso, do genitor, se torna contraditório, após ter apresentado possibilidades infinitas para o filho. Além disso, o pai assevera que deve aceitar a falta de esperança na sociedade:

A vida, Janjão, é uma enorme loteria; os prêmios são poucos, os malogrados inúmeros, e com os suspiros de uma geração é que se amassam as esperanças de outra. Isto é a vida; não há planger, nem imprecar, mas aceitar as coisas integralmente, com seus ônus e percalços, glórias e desdouros, e ir por diante (ASSIS, 2005, p.32).

O pai expôs que deve se resignar com as coisas como estão estabelecidas. Essa é uma visão própria da decadência da ideologia burguesa, completamente oposta ao traço fundamental da doutrina social do marxismo, no qual não é possível a estagnação da vida, pois “na realidade,

o desenvolvimento social é uma unidade de contradições, viva e dinâmica; é a ininterrupta produção e reprodução destas contradições” (LUKÁCS, 2010b, p.70).

O genitor passa, então, a tecer uma teoria de como se tornar um medalhão, ressaltando que não deve ter ideias, nem questionamentos, nem criticidade. E se por ventura tiver ideias que não se manifestem. Assim se tornará um medalhão completo:

— Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da plateia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as ideias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida.

(...) No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto (ASSIS, 2005, p.33).

Um medalhão completo deve evitar a irrupção de ideias, porque estas suscitam reflexões e é mais fácil seguir as regras preestabelecidas quando não se reflete a vida. Que é o que faziam uma grande parcela dos intelectuais da época do autor. Por isso, Machado resalta a inércia intelectual que assolava a sociedade, recebendo e adotando os moldes Europeus de forma passiva.

Também, com autoridade, o pai reconhece o talento do seu filho para ter sucesso como medalhão, por ser um “idiota”, nas palavras do pai, estar dotado de “inópia mental”. Aliás, a característica mais evidente de Janjão, que é fundamental para um bom medalhão, é sua futilidade:

Meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança (ASSIS, 2005, p.33).

Já, para evitar nas conversas problematizações, hipóteses e controvérsias, o pai aconselha usar frases feitas, como “Antes das leis, reformemos os costumes!” (ASSIS, 2005, p.36). Com essa retórica vazia, ele conseguiria uma visibilidade do discurso, embora sem transparência. E insiste que deve tomar emprestadas frases prontas que parecem cheias de sabedoria, mas que não dizem nada, por isso não geram debate.

Também é indispensável se tornar visível socialmente e se esforçar para que essa visibilidade seja permanente, de acordo com o pai:

Longe de inventar um Tratado científico da criação dos carneiros, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos. Uma notícia traz outra; cinco, dez, vinte vezes põe o teu nome ante os olhos do mundo (ASSIS, 2005, p.38).

A proposta indicada equivale a uma estratégia de marketing com baixo ou nenhum investimento intelectual, visto que não precisa argumentar, só mostrar, parecer ser, porque a aparência é mais efetiva do que ser, nesse contexto. Ele só precisa oferecer divertimento ou presentes aos maiores influenciadores e sua notoriedade será uma consequência desse marketing de medalhão.

Com entusiasmo, o pai, em tom de promessa, anuncia que quando seja de fato um medalhão, seu filho, não precisará mais de tanto esforço mercantil, não precisará mais vender sua imagem:

— Nem eu te digo outra coisa. É difícil, come tempo, muito tempo, leva anos, paciência, trabalho, e felizes os que chegam a entrar na terra prometida! Os que lá não penetram, engole-os a obscuridade. Mas os que triunfam! E tu triunfarás, crê-me. Verás cair as muralhas de Jericó ao som das trompas sagradas. Só então poderás dizer que estás fixado. Começa nesse dia a tua fase de ornamento indispensável, de figura obrigada, de rótulo (ASSIS, 2005, p.39).

Janjão será um medalhão no momento que se torne um “ornamento indispensável”, ou seja, quando seja uma mercadoria, dessas que têm rótulos de luxo.

Além disso, quando se tornar medalhão deixará de ser um “substantivo” para ser um “adjetivo”:

Acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesado e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas, o odorífero das flores, o anilado dos céus, o prestimoso dos cidadãos, o noticioso e succulento dos relatórios. E ser isso é o principal, porque o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica (ASSIS, 2005, p.39).

No pensamento concreto do pai, ser adjetivo é o principal, como grande logro a ser atingido, porque na dinâmica dos medalhões, o principal é a bajulação para adquirir favores. Então, ele não precisará ficar bajulando medalhões mais poderosos, ele passará a ser adjetivo, o centro da adulação.

Essa regra segura para o êxito social evidencia a elevação do “ritmo da vida” representado pela obra literária. Lukács explica essa noção, a seguir:

Mas o que é este famoso “ritmo da vida”? É precisamente a inumanidade do capitalismo, que tende a reduzir as relações recíprocas dos homens a uma exploração recíproca, a um enganar e se deixar enganar; e que, neste nível abstratamente superficial e anti-humano, desenvolve nos interessados uma

sabedoria empírica, um conhecimento vulgarmente utilitarista dos homens, cuja essência é precisamente o completo esquecimento de toda humanidade (LUKÁCS, 2010b, p. 90).

Em vista disso, querer ser “adjetivo” em lugar de “substantivo”, ter como máxima ambição ser uma mercadoria, mostra os valores invertidos da realidade e representa a elevação do ritmo da vida. Assim, o autor denuncia essa mentalidade decadente construindo a narrativa do conto de forma satírica.

Na “Teoria do Medalhão”, o que socialmente é tratado com seriedade é configurado na forma estética da sátira, usando como recurso a ironia. Bem por isso, uma das orientações do pai é que o medalhão, em formação, não seja irônico:

— Somente não debes empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebentar de riso os suspensórios. Usa a chalaça (ASSIS, 2005, p.40-41).

A ironia é apontada como uma doença cujos portadores principais são os “cépticos” e “desabusados”, podendo ser “contraída” e “transmitida”.

Por outro lado, o autor, contrariando a mentalidade dos medalhões, configura sua obra como uma grande ironia. Machado mostra que a sociedade está idiotizada pelo humor vazio da chalaça e dos homens notáveis carentes de conhecimentos, ideias e critério.

O pai conclui a conversa com seu filho, quando percebe que já é meia noite, pedindo para que vá dormir e pense bem no que foi conversado, pois, guardadas as proporções, as orientações e conselhos valeram pelo “Príncipe” de Maquiavel (ASSIS, 2005, p.41).

Essa equivalência entre todas as diretrizes dadas pelo pai, e o Príncipe de Maquiavel, encerra a narrativa com uma ironia ambígua. A voz inquestionável do pai é questionada pelo autor, através da ambiguidade entre orientar seu filho para chegar ao poder (ser um príncipe) e anular sua humanidade.

Todo o trabalho que demanda chegar a ser um medalhão, tendo como requisitos a disciplina, a previsão, o autocontrole, a destreza esportiva no bilhar (para ter as mesmas ideias do taco), representa o contrário da íntima poesia, que de acordo com Lukács: “é a poesia dos homens que lutam, a poesia das relações inter-humanas, das experiências e ações reais dos homens” (LUKÁCS, 1968, p.65).

Portanto, a obra representa uma situação típica ou particular, pois nela convergem diversos traços salientes da unidade dinâmica que reflete a vida e sua complexidade. Cabe lembrar que Lukács define a noção de tipo e típico como o lugar onde:

todas as contradições – as mais importantes contradições sociais, morais e psicológicas de uma época – se articulam em uma unidade viva. (...) Na representação do tipo, na criação artística típica, fundem-se o concreto e a lei, o elemento humano eterno e o historicamente determinado, o momento individual e o momento social universal (LUCKÁCS, 2010a, pag. 27).

Desse modo, a literatura pode refletir a evolução social na representação típica, na descoberta de caracteres e situações típicas da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No conto “Teoria do Medalhão”, Machado de Assis achou uma resolução estética para representar a realidade social e colocar em xeque a ideologia burguesa, questionando a noção de que não existem horizontes e possibilidades além de ser medalhão. Também critica a sociedade que cria e exalta os medalhões e ironiza a autoridade desses seres “notáveis” que usam uma linguagem esvaziada de sentido e reproduzem o que recebem de fora sem pensar nem refletir.

Assim, o conto se configura como um particular, um mundo próprio que reúne o aparente e o essencial e que mostra que a teoria do medalhão é decadente. Aliás, o particular da obra é a segunda aparência em relação à realidade, é a denúncia à mentalidade decadente. Já o aparente é a vida imediata dos personagens que é representada por forças motrizes, sendo o pai uma caricatura da voz de autoridade e uma sátira da sociedade.

Portanto, o autor evidencia que não se pode tratar com seriedade o posicionamento burguês do pai, do aspirante a medalhão, dentro dos seus limites, mostrando o quanto são caricatos os valores éticos da sociedade.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. Teoria do medalhão. In: _____. *Contos escolhidos de Machado de Assis*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005. p. 31-41.

CORRÊA, Ana Laura dos Reis. As duas faces das medalhas: dialética aparência e essência em “Teoria do medalhão” e “O emplasto”. In: O Eixo e a Roda, revista de literatura brasileira. Belo Horizonte. v. 24, n. 2, p. 31-47, 2015. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/8506 Acesso em: 20 maio 2018.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou descrever? - uma contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e sobre o formalismo. In: _____. *Ensaios sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, p. 47-99.

_____. “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”. In: _____. *MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos*. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010a. p. 11-38.

_____. Marx e o problema da decadência ideológica. In: _____. *Marxismo e teoria da literatura*. São Paulo: Expressão Popular, 2010b. p. 51-103.